

Antologia de Camila Heloise dos Santos



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Sobre o autor

Bióloga, Mestre em Biologia Evolutiva, ama tanto a Ciência que vê poesia em tudo. Professora e uma eterna estudante, gosta de Política, Filosofia, Sociologia, Arte e a Literatura. Tem um pezinho nas Ciências exatas e biológicas e o coração inteiro nas humanas e sociais.

Caminha entre o delírio e a lucidez — uma poetisa que transforma a matéria bruta da existência em linguagem pulsante. Sua voz literária nasce da fusão improvável entre a densidade quase científica de Augusto dos Anjos, a introspecção abissal de Clarice Lispector e o realismo cru e desarmado de Charles Bukowski. Sua escrita dissecar a angústia humana como um organismo vivo — analisa emoções como se fossem fenômenos biológicos, reações químicas, colapsos internos inevitáveis. Há em seus versos uma espécie de laboratório existencial, onde o sentir é examinado, nomeado, e, por vezes, amplificado até o limite do suportável. Transita entre o existencialismo e o absurdismo, encarando o vazio não como ausência, mas como um campo fértil de questionamentos. O amor, em sua obra, é ambivalente: ora surge como impulso vital, quase instintivo, ora como uma falha estrutural — um descompasso entre corpos, desejos e expectativas. Seus textos transitam entre o amor e a ruína, entre a esperança e o desencanto. Não é apenas abrigo — é também vertigem, ausência, possibilidade nunca concretizada.

A solidão, por sua vez, não é apenas um estado, mas uma condição ontológica — algo que permeia o ser, como uma constante invisível. A solidão não é vista apenas como falta, mas presença constante,

quase uma personagem que respira entre os versos.

E a melancolia que atravessa sua escrita não é passiva: ela é densa, reflexiva, quase filosófica, carregada de consciência. Ecos de um pensamento profundo e inquieto, que se debruça sobre o absurdo da existência, sobre o vazio que, por vezes, grita mais alto do que qualquer certeza. Sua poesia não foge da dor — ela a encara, disseca, compreende. E, nesse movimento, encontra uma estranha forma de beleza.

Escreve como quem tenta entender o próprio existir — como quem sente demais e, por isso, precisa transformar o excesso em palavra. Como quem sente em excesso e, para não se desintegrar, organiza o caos em palavras. Sua poesia não busca consolo: busca compreensão, mesmo que ela venha acompanhada de vertigens, peito doído e ranger de dentes.

resumo

O imenso vazio

Doce amarga ilusão

Um brinde solitário

Nem tudo o que está enterrado está morto

O imenso vazio

O vazio ocupa muito espaço.

O silêncio grita mais alto, berra.

A solidão é a única companhia.

A sensação de não pertencer a nada, me faz sentir tudo.

A liberdade sufoca quando você não sabe para onde ir.

Me sinto viva, mas à deriva, à espera de coisa nenhuma.

Doce amarga ilusão

Manhã
Céu nublado
Levanto a me rastejar
Café coado
Um livro e um cigarro
e
A promessa do Sol brilhar
Tal qual
A promessa de esquecer você
Soam tão inúteis quanto
Tentar me perdoar.
Mas, por trás das nuvens, ainda arde
Um Sol forte e quente
Assim, como meu coração ainda bate
Dessa vez, apenas por mim
Na doce e amarga ilusão
De nunca mais se acelerar por você.

Um brinde solitário

Olá, minha *bebida*
Minha mais velha *amiga*.

Se for um bom *vinho*
Às vezes digo
A beleza é bebê-lo *sozinho*.

Torna-se o melhor *amigo*
Para alguém como eu
Um doce e amargo *abrigo*.

Dentro da taça, um *mundo*
Que eu aproveito
E vou *fundo*.

Uma taça de *perigo*
O crime e *castigo*
É como um gato engarrafado
Que mia *comigo*.

O saca rolhas me *alerta*
Viva a vida, querida
Desfrute com alegria
Todavia, fique *esperta*.

No vinho, me delicio
O viver no *presente*
Choro, rio, danço e escrevo
o que vem à minha *mente*.

Luz baixa, blues *a tocar*
Fumaça e bebida
Papel e caneta

E a magia *no ar*.

Uma pilha de livros ao lado
E a saudade
De um específico e caloroso
Abraço apertado.

Olho na taça e
Lembro de meus *desamores*
Mas não me deixo entristecer
A vida é boa, apesar dos seus *temores*.

Um brinde *solitário*
Às causas perdidas
E ao amor não *vivido*
Até faz *sentido*
Para quem é de *Aquário*

Em meio aos *desencontros*
Acompanhada estou
De um Malbec envelhecido
Perfeito em todos os *isômeros*.

Noutro dia
A ressaca faz *parte*
De quem ama a vida
E transforma tudo em *arte*.

Nem tudo o que está enterrado está morto

Hoje eu não sei o que sinto
sei só que rasga.
Arde como ferida aberta,
sufoca como mãos no meu pescoço.

Enterrei tudo.
Cavei fundo, fundo demais,
com as próprias mãos,
até sangrar.

Mas nada morreu.

O que eu enterrei respira.
Se debate.
Grita lá de baixo,
arranhando o caixão,
rasgando o silêncio,
implorando para sair.

E eu ouço.
Eu sempre ouço.

Será que sentimentos morrem?
Ou apodrecem vivos,
exalando dor,
até virarem assombração dentro da gente?

Porque você volta
não como lembrança,
mas como presença.
Quente. Colada na minha pele.

Hoje estou sozinha.

Nenhuma novidade.

Mas não vazia.

Vazia seria um alívio.

Eu estou cheia
cheia de um grito preso na garganta,
de um choro que sufoca meus pulmões,
de você.

Do seu cheiro.
Da sua ausência que pesa
mais do que qualquer presença

Tem algo em mim que ainda te chama,
mesmo sabendo
que ninguém responde
do outro lado.

E ainda assim,
Sendo o mundo,
meu amargo amor,
Um lugar horrível,

É só você,

com seu calor,
sua doçura,
sua leveza,
que poderia
me salvar.

Ciente disso,
já sou uma alma
condenada.

Condenada a viver
Com fantasmas
de um amor possível
que tão pouco existiu,
mas nunca deixou de doer.